
LISBOA - A PORTA DO MUNDO

LISBOA FOI A PRIMEIRA CIDADE EUROPEIA A SENTIR O IMPACTO DOS DESCOBRIMENTOS E DA ABERTURA DO MUNDO EFETUADA PELOS NAVEGADORES PORTUGUESES E EUROPEUS.

Com características urbanas que sinalizavam o seu passado islâmico (sécs. VIII-XII), bem como a sua reconfiguração na Baixa Idade Média (sécs. XII-XIV), adaptou-se às exigências de uma nova rede que a ligava ao comércio marítimo a longa distância. Assim, enquanto placa giratória para a navegação de conquista e de comércio oceânico, Lisboa foi-se inventando a si mesma em resposta às novas necessidades.

Navios de maior calado, necessidade de abastecimento de frotas de grande tonelagem, abertura de cais, edificação de armazéns e de alfândegas para aprovisionamento, receção e contabilização dos bens, fabrico imperioso de novas embarcações para substituir as mais obsoletas, necessidade de equipar e conferir poder de ataque e defesa às armadas do reino, afluência de povos estrangeiros e de emigrantes, aumento da população escrava, eis um conjunto de realidades que exigiam esforço logístico permanente, sustentado através do tempo.

Pode-se portanto afirmar que, para além das condicionantes topográficas, Lisboa se construiu como “cidade dos descobrimentos” desde inícios do século XV, com especial incidência no decurso do século XVI – um período de forte crescimento urbano – mantendo a sua configuração no decurso do século XVII e até ao grande terramoto de 1755 que parcialmente a destruiu. É devido a este facto catastrófico que a história de Lisboa se pode definir através de duas eras: antes e depois do Terramoto.

O conhecimento da cidade “antiga” é baseado, em grande medida, na interpretação de fontes escritas, desenhadas, iluminadas, gravadas ou pintadas, que assumem uma importância sui-generis, uma vez que grande parte dos edifícios e das ruas nelas representados não existem já, salvo raras exceções. Preciosas fontes, os desenhos e gravuras que nos interessam, datam da segunda metade do século XVI e da primeira metade do século XVII, constituindo um acervo constantemente revisitado por historiadores, arquitetos e arqueólogos. As pinturas, maioritariamente dos séculos XVII e XVIII, têm um carácter mais ilustrativo do que técnico e são suficientemente rigorosas, mas parcelares. Depois do terramoto de 1755, os

levantamentos efetuados para preparar a reconstrução da parte baixa da cidade, geralmente em planta, constituem um segundo ciclo de fontes, estas já de uma precisão e rigor de registo assinalável.

Ao longo da sua história, Lisboa ofereceu-se sempre como uma Porta do Mundo. Ainda hoje é lugar de confluência de povos e culturas. Os bens culturais classificados como Património Mundial espelham bem esta realidade na sua condição artística e monumental. O Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém entram para a Lista do Património Mundial em 1983, por constituírem dois testemunhos únicos, não apenas de uma variante do tardo-gótico europeu - mais conhecido como "manuelino", mas também por constituírem um símbolo de um processo de expansão e descobrimento que modificou a visão do mundo no século XVI. O próprio reconhecimento do Fado, pela Unesco em 2011, como Património Imaterial da Humanidade, valoriza Lisboa como porta do mundo.

Esta Lisboa cosmopolita e multicultural revela-se em três propostas de roteiro. A "Lisboa *Quinhentista*" configura-se ao longo das margens do Tejo e integra diretamente a memória dos Descobrimentos. Ao longo das "*Sete Colinas*" a cidade exhibe a sua própria história multiseular. A cidade reconstruída no século XVIII descobre-se na "Lisboa *Iluminista*".

ROTEIROS

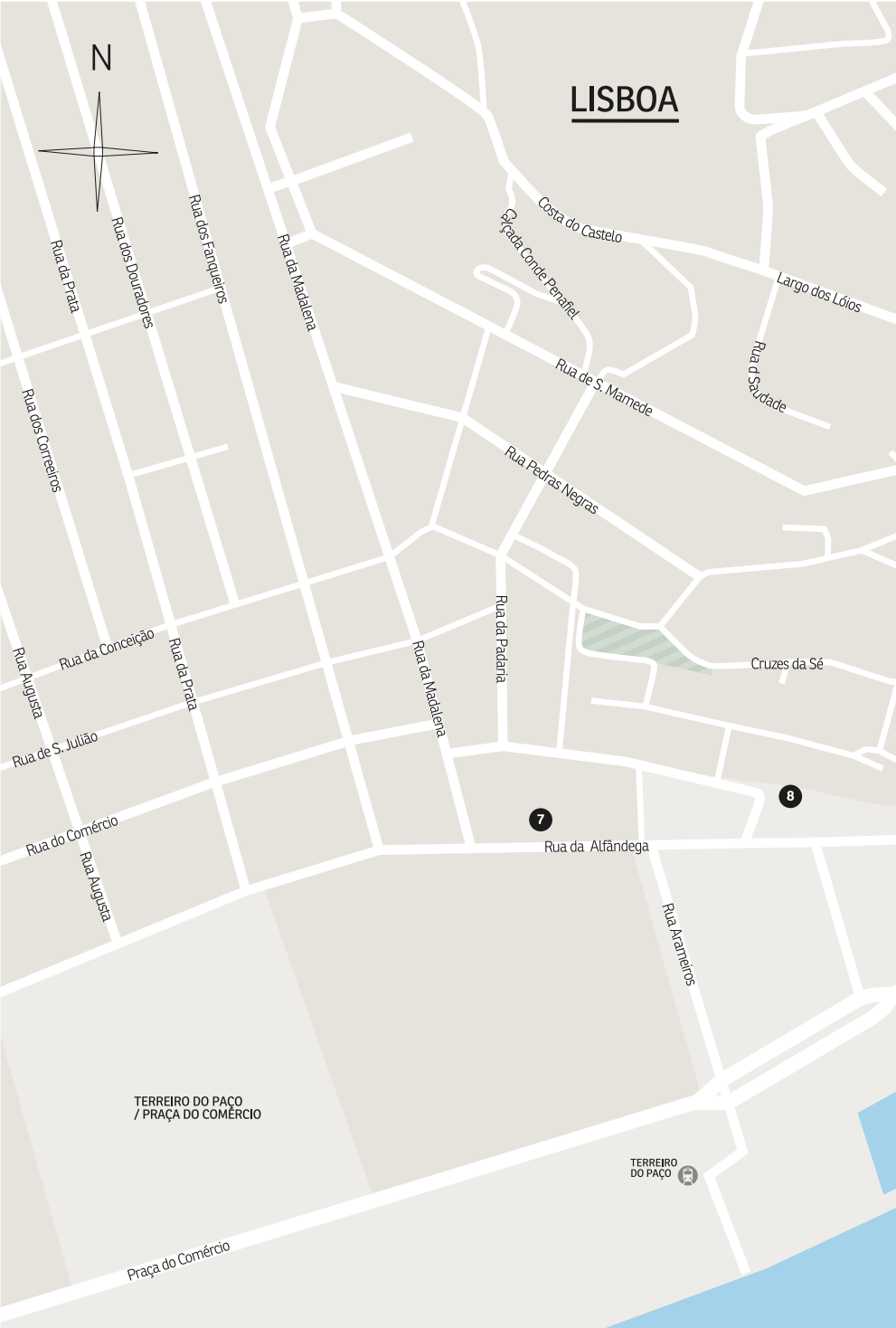
LISBOA QUINHENTISTA

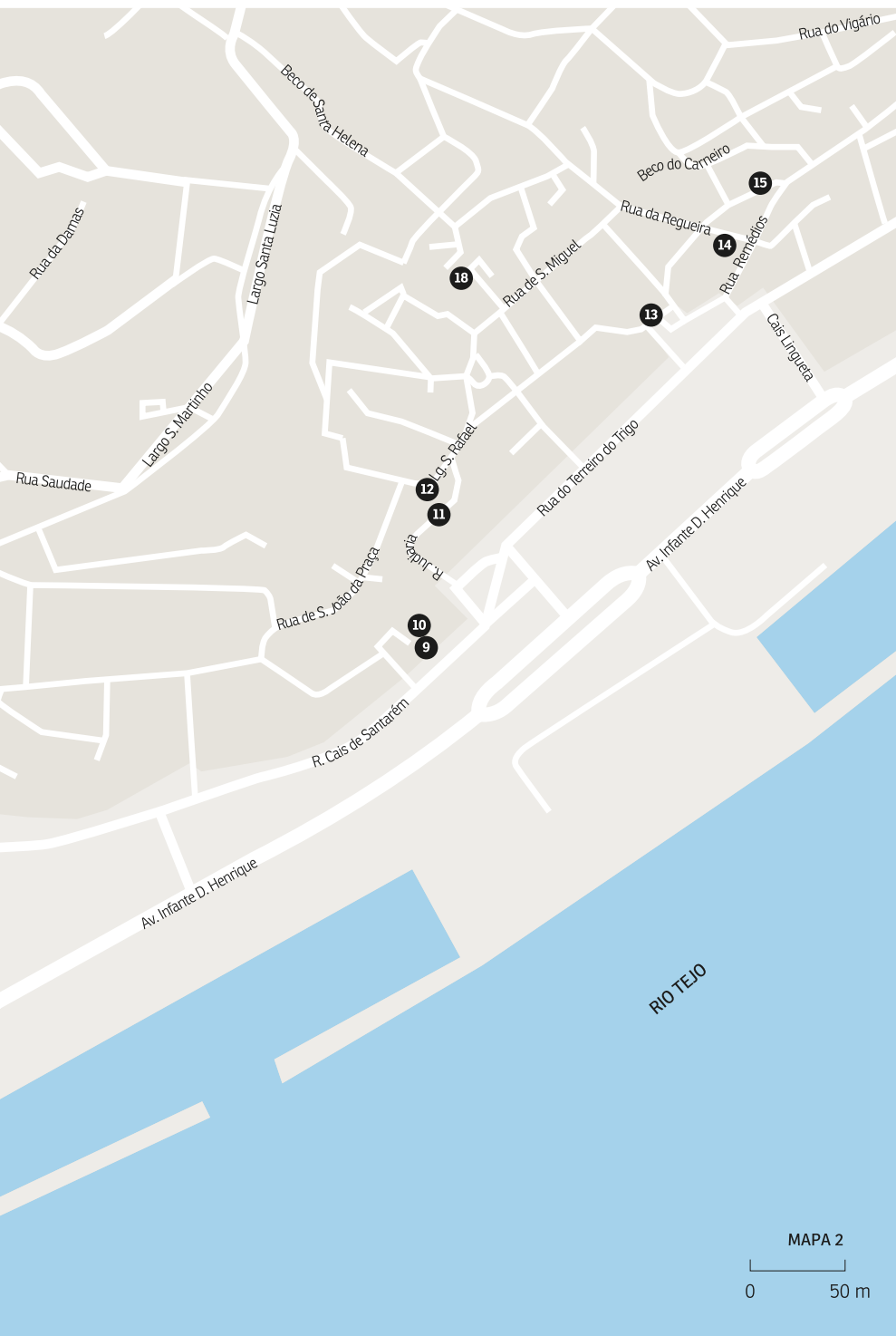
- 1** TORRE DE BELÉM
- 2** MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS
- 3** PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS
- 4** IGREJA DA MEMÓRIA
- 5** PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA
- 6** MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA
- 7** IGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA (ANTIGA IGREJA DA MISERICÓRDIA)
- 8** CASA DOS BICOS / FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO
- 9** CHAFARIZ D'EL REI
- 10** PALÁCIO DAS RATAS OU PALÁCIO DO CHAFARIZ D'EL REI
- 11** RUA DA JUDIARIA
- 12** TORRE DE S. PEDRO
- 13** CHAFARIZ DE DENTRO
- 14** ERMIDA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS
- 15** PORTA MANUELINA, RUA DOS REMÉDIOS
- 16** CERCA MOURA - VER PÁG. 98
- 17** CERCA FERNANDINA - VER PÁG. 98
- 18** ALFAMA

B

C





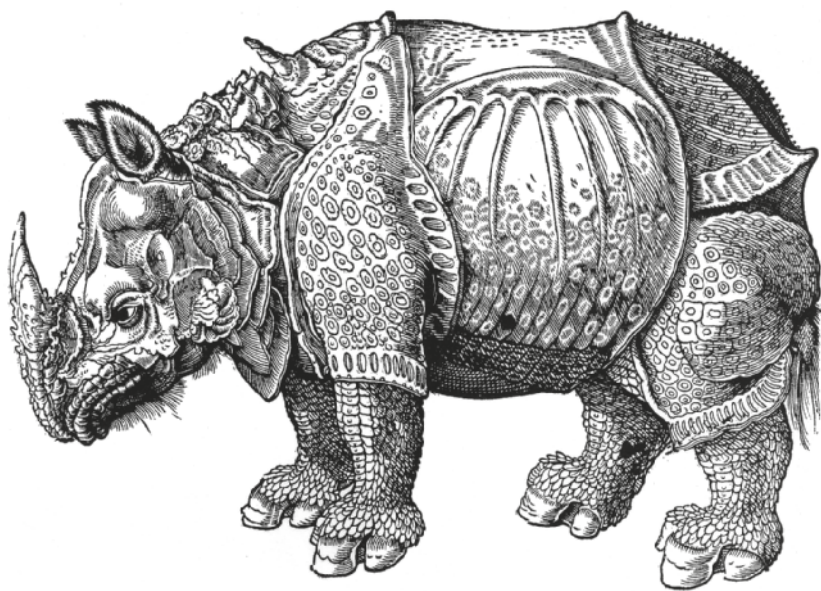


MAPA 2









LISBOA QUINHENTISTA

Para Damião de Góis, cronista oficial do reino, Lisboa considerava-se a si mesma – e era entendida como tal pelos estrangeiros – o centro do mundo: “hoje em dia, este mesmo Tejo dá leis e normas através de todas as costas do Oceano, na África e na Ásia. A essas leis se submetem, livremente ou à força, reis e príncipes dessas províncias, os quais prestam vassalagem aos Portugueses, e muitos deles, em número sempre crescente, vivem na obediência a fé de Cristo. O que sucede com o maior acata-

mento, não só nos domínios das Índias, mas também nos territórios dos Chineses, e nos confins dos Japoneses, povo até há pouco desconhecido na Europa.” (Damião de Góis, *Descrição da cidade de Lisboa*, 1566).

A comunicação com o oceano determinou o crescimento da cidade e a deslocação das atividades produtivas para a beira-rio, ultrapassando de maneira definitiva a fronteira imposta pelas muralhas que a cingiam.

É no reinado de D. Manuel (r. 1495-1521)

que se vai verificar aquilo a que poderemos chamar a emergência do urbanismo moderno em Lisboa, que se estendeu depois a Portugal continental e possessões ultramarinas. Nascem novos conceitos urbanos, tipicamente portugueses, como os da “rua nova”, “rua-travessa” e “rua direita”. O programa de melhoramentos e de fomento da frente ribeirinha constitui um óbvio sinal de modernidade. Consiste, no essencial, na criação de equipamentos ao serviço das armadas, acompanhados por um edifício de prestígio – o Paço Real cuja implantação corresponde hoje, sensivelmente, aos edifícios e arcadas da ala poente da Praça do Comércio. Forma-se assim a Ribeira, um conjunto edificado com diversos terreiros, sendo o mais importante de todos o *Terreiro do Paço*, que funcionava como autêntica fachada nobre e de prestígio da cidade. De nascente para poente, sentido do crescimento da cidade, verificava-se uma sucessão de espaços ribeirinhos, de entre os quais se destacava, ao lado do Paço, a *Ribeira das Naus*, dedicada à construção das naus da Carreira da Índia durante boa parte do século XVI e, mais tarde, das naus da Carreira do Brasil. Em toda esta frente de rio, dominada pelo Paço Real, cresciam os esqueletos de madeira do cavname das naus. A nascente localizava-se a área destinada à Armaria, à Alfândega, aos Armazéns do Reino, aos Celeiros do Trigo e aos Fornos de Biscoito das Portas da Cruz que abasteciam as naus.

No interior da malha urbana, o Rossio (hoje Praça D. Pedro IV), cuja forma atual resulta da reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755, já existia desde a Idade Média, enobrecido com a construção do Hospital Real de Todos-os-Santos, iniciado no tempo de D. João II (r.1481-1495) e acabado no reinado de D. Manuel. A grande fachada deste edifício ocupava o lado nascente da Praça e a sua estrutura (enfermarias, corpo da igreja) ocupava a área que constitui hoje a Praça da Figueira, também aberta após o terramoto. Esta praça sobrepõe-se, em parte, ao *antigo hipódromo romano* de Lisboa.

Mas serão os monumentos que subsistiram a estabelecer o itinerário pela Lisboa Quinhentista. São reflexo duma época em que a cidade era o centro vital daquilo a que um historiador chamou “*economia mundi*”, isto é, o primeiro momento de uma efetiva globalização. O início deste itinerário localiza-se no extremo ocidental da cidade, em Belém e Restelo, lugar de partida das grandes armadas dos Descobrimentos, onde se localizam os espaços de memória mais emblemáticos, como a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos. Paragens lisboetas que mais foram poupadas aos malefícios do Terramoto, os formidáveis e originalíssimos monumentos que hoje ali se erguem são grandes obras de arquitetura, engenharia e arte que resistiram, também por isso, à devastação.





Torre de Belém

A acumulação de riqueza em Lisboa e arredores, bem como a importância estratégica do rio, tornavam a cidade num alvo apetecido das incursões de corsários, manifestando-se a excessiva permeabilidade e exposição das fronteiras marítimas, especialmente depois do aperfeiçoamento e desenvolvimento da artilharia de guerra. A construção do império português exigia que a entrada do Tejo fosse devidamente protegida e assegurasse uma retórica militar traduzida num sistema de defesa eficaz e dissuasor. A sua imponência e importância deveria ser suficiente para dar um claro sinal às outras potências europeias e às suas armadas de que o rio se encontrava protegido e sob domínio.

Desta forma, vai organizar-se, sob direção do rei D. João II, a defesa da barra do rio Tejo. O sistema então pensado pretendia assegurar a cobertura da barra do Tejo por tiro de artilharia, o que representava um avanço tecnológico significativo. O lugar escolhido para a edificação da defesa principal da barra, a norte e a sul, haveria de se situar no preciso ponto em que o Tejo é mais estreito. Neste local, ancorava habitualmente a grande nau de vigilância e defesa, a maior nau do seu tempo em toda a Europa que, desde o reinado de D. João II, procedia ao patrulhamento do rio.

A obra da Torre de Belém

A encomenda da obra foi feita pelo rei D. Manuel e a escolha recaiu sobre o mestre Francisco de Arruda (? - 1547), um perito em estruturas defensivas com uma larga experiência demonstrada no continente e no ultramar. Os trabalhos encontravam-se em curso já em 1515.

Na margem do rio que se encontrava em vias de monumentalização, com o magnífico portal da fachada Sul do Mosteiro dos Jerónimos, concluído por volta de 1517, a Torre destinava-se, não apenas à defesa da passagem mais estreita do Tejo, mas também à proteção da grande cerca dos Jerónimos e das riquezas que se encontravam depositadas no templo. Isto explica a morfologia da Torre e a sua riqueza ornamental. Construída na modalidade portuguesa de tardo-gótico "manuelino", a Torre de Belém evidencia as linhas mestras desse estilo que, com o seu "hiper-realismo", a sua sobrecarga ornamental e o seu apego à heráldica, resistia aos influxos do classicismo renascentista.

Estrutura geral

A fortaleza é composta por um baluarte hexagonal rematado por uma torre recuada, de feição medieval. Combina um dispositivo militar "moderno" – o primeiro daquele tipo a ser construído em Portugal – com um dispositivo militar "medieval" – a tradicional "torre" – como que sintetizando a própria essência do